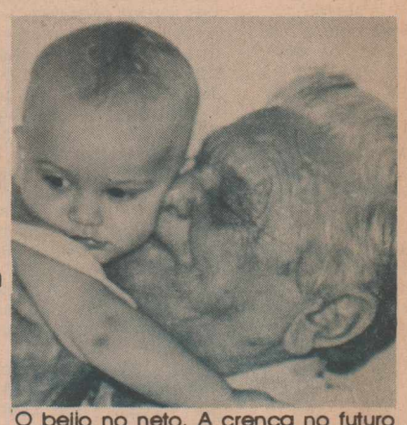
Antônio Soares Filho: a versão sertaneja da Intentona (IV)

Prisioneiro 3318: marcado para morrer. De novo...

Antonio Soares Filho, rebelde, soldado do 21.ºBC, que aderiu ao movimento chamado Intentona Comunista, em 1935, instalando, em Natal, por, mais ou menos, quatro dias, o Governo Popular Revolucionário, continua, hoje, seu depoimento sobre o assunto. Foram longos sofrimentos, demoradas emoções, onde coragem, ousadia, violência, surgem como ingredientes principais.

As revelações continuam. E surpreendem. O jovem soldado, nascido na Fazenda Riacho do Meio, garante: "O soldado Luiz Antonio Gonzaga nunca foi soldado. É tudo invenção da Polícia para arranjar um herói". Da mesma forma, Antonio Soares Filho fala com orgulho de uma gravata vermelha que usou durante muitos anos. "Era o simblo, aquela gravata encarnada". Gravata que ele deixou de usar atendendo ao pedido da mãe.



O beijo no neto. A crença no futuro das novas gerações. E do país.

É "seu" Antonio que assegura: tudo aqui deu errado, porque o código não foi decifrado direito. O número era 203. Mas é melhor que ele conte tudo direitinho, mais na frente.

A viagem no porão do navio até a Ilha Grande. Uma trágica odisséia. Os 24 meses de prisão. A tentativa de fuga. A volta e as perseguições. Trinta e dois dias numa cela escura lá em Acari. Ele anistiado. As perseguições do Sargento Rafael (hoje coronel), por quem Antonio Soares Filho não esconde seu ódio.

Marcado para morrer de novo, o prisioneiro 3318, da Ilha Grande, consegue escapar. O retorno a Natal. A proteção do almirante Ary Parreiras, a quem chama de "nosso colega".

A liberdade, enfim.

Mas, para ele, um sonho que ainda não acabou. Apesar dos pesadelos.

Caderno de Domingo

Texto: Rubens Lemos
Fotos: Ana Maria Programação Visual: Enéas Peixoto

"O tenente dava naquele povo como se dava num bicho!"

"Nós saimos daqui num navio e fumo direto a Recife. Lá, peguemos doze dotô, inclusive um escritor, aquele, Graciliano Ramos. Fiquemo quatro dia em Recife. No meio da turma tinha um violão que até tocava bem. Eles pensando coisa ia ser fácil... Mas só havia **carrancismo**. Aí, viajemo, passemo em **Bahias**, onde fiquemo quatro dia, tudo no porão do navio. Logo mais, houve uma baldeação. Aí, quando eu subi, a primeira coisa que vi foi dois companheiro que tinha estado na luta, atirando mesmo, pelo nosso bem. Eles quando me **viro** mudaram de cor, baixaram a cabeça, mas eu aguentei firme, pois eles achavam que ia **entregar eles**. Era dois soldados mas eu num tô lembrando do nome deles. Apois bem. Daí, saímo pro Rio de Janeiro. Tudo no porão. Eu levava minha rede e até um rosario que mamãe me deu na hora da minha saida. Uns dormia no chão, outros dormia numas camas véias, parecendo uns molambo. Cheguemo no Rio e levaro nóis pra Detenção. Lá, durmimo tudo no chão. Quando foi de noite, pegou **um rebuliço**. A Marinha parece que se revoltou e trouxeram esses presos pra Detenção. Apanharam muito! Eu até andei rezando umas tantas coisa prá ver se aliviava a situação. Era as rezinha que mamãe me ensinou. Aí, de tardinha, já escuro, nós viemo pra Ilha Grande. Noventa e nove légua de travessia. Fica entre Mangaratiba, Angra dos Reis...Chegemo lá de manhãzinha. Era um fedor maior do mundo dentro do navio...



"Ele dava naquele povo como se dava num bicho!".

— Não parece que o senhor estava sendo privilegiado? Os outros dormindo na sujeira e o senhor tranquilo numa rede?

— Mas **dotô**, o caso é o seguinte: eu num pudia dá minha rede pra todos. Só dava prá mim, pois era uma redinha pequena, num era?

Bom. Cheguemo e desembarquemo no **Abrão**, uma cidade que pertence a Ilha Grande. A subida do Abrão até a Ilha Grande, "vige!", é só serra dum lado e do outro, ninguem vê gente não, é só madeira. Aí, apareceu o Tenente Canepa, num cavalão, com cipó de boi, cipó de brocha, dava naquele povo como se dava num bicho. Eu num apanhei porque sempre me livrava, viu? Ele sempre dava mais no dotô Aldo Ventura, que era deputado federal, dava nos **aviadô** que ia , dava naquele pessoá que era mais conhecido. Mas, apanharam muito. Apanharam até chegar na Ilha Grande, onde botaram a gente no "Galpão". Lá nós fiquemo só com a nossa roupinha do corpo. O meu número lá era 3318, era o número mais baixo. Logo no dia seguinte, iventaro de nóis carregá uns tijolo por dentro de umas goelas de serra. Era 10 tijolo pra cada um... A gente via tocha! Marchemo pra serra e lá vinha um cara com um facão grandão. O cara se chamava Severino Lopes e aqui-acolá ele dava uma lapada de facão nas costas da raça. E dizia que era só pra alertar...

— E o senhor nunca levou uma lapada?

— Por Deus do Céu que nunca sobrou uma lapada pra mim, mas se sobrasse, o jeito que tinha era eu apanhá mesmo, pois nimguém podia fazê nada!

"E haja e haja, o tempo passando".

E haja e haja, o tempo passando. Eu cheguei a ter um passamento de fome. Um dia, dotô Armando, que era o engenheiro da Ilha, chegou e gritou: **"Quem é carpinteiro naval, aí?". Eu gritei: — "Pronto um! — Sou o prisioneiro 3318". O** engenheiro gritou de novo: "Tem mais algum?". Aí, apareceu Jim, um português que entendia do assunto. Eu num entendia nada... Fumo pra praia. Lá tinha um bocado de lancha, um bocado de rebocador, canoa, essas coisas. Tudo quebrado. Aí, fiquemo trabalhando. Eu mais ele aprontemo uma lancha que ficou um "show". Trabaiemo, trabaiemo muito. Passado uns seis mês eu arresoví a fugir. Virei pro velho português e disse: "Oi, nóis vamo pegá uma canoa dessa e vamo fugir". Lá era muito escuro. Passava assim uns três ou quatro dia que quase num se enxergava nada. O português: "Home, isso num dá certo, num seu o quê..." Eu disse: "Ora mais tá... eu vou **mimbora**". Aí, peguemo a junta pão, que a gente chamava de **marroco**. Mas eu notei que ele estava sempre contrariado. Mas nóis tracemos o negócio até diretinho. Ajuntemo pão, farinha, açúcar, essas coisas. Chegou o dia. Nóis ia fugir no dia seguinte, porque ia cair essa escuridão. Eu disse: "Nós vamos sair de madrugada". Ele respondeu: "Home, isso num dá certo...". Pois, num sei porque, eu acho que ele deu algum sinal para o engenheiro, porque ele de repente chegou e foi dizendo: "Ajuntá os ferro e vamo imbora". Eu disse comigo mesmo: "Eita, diabo, nós vamo prá cela".

"Fome, espancamento e miséria!"

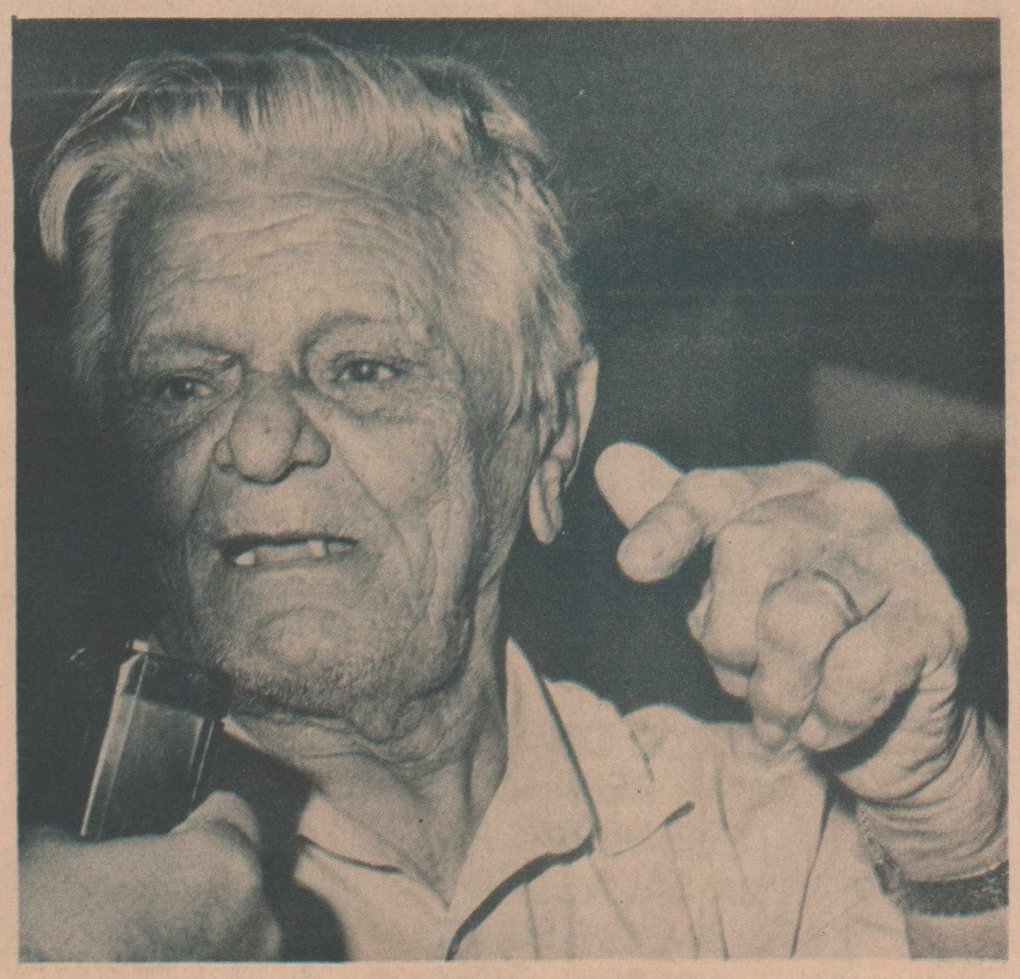
Nesso meio, tinha um soldado que tava a nosso favor e eu disse a ele: "Companheiro, você sabe que nois tamos morrendo de fome aqui, num sabe?". Ele: "Sei". Aí, eu falei: "Nóis tamos querendo escrevê uma carta para o deputado Café Filho. Você leva e entrega a ele?". O soldado disse: "Levo e entrego". Eu respondi: "Dou dois mil réis e mais dois na certeza da respostas". Eu e o dotô Aldo Ventura fizemos a carta muito bem feita, aí eu peguei e ajuntei uns carocinho de feijão, três **pedacim** de fruta-pão, uma colherinha de farinha, uns três **pedacim** de carne e coloquei dentro da carta e entreguei ao soldado. Mas eu achando que ele num ia levá a carta. Sabe o que é que eu achava? Que ele ia era entregar nóis, denunciá. Mas, o rapaz foi bom. Pois num é que ele foi batê na Câmara dos Deputados e entregou a carta a Café Filho? Café Filho, no meio daquele povo, pegou aquele negócio e gritou:

— **Senhor Presidente da República, vá na Ilha Grande ou mande uma comisão. Os prisioneiros políticos do Brasil estão morrendo de fome, espancamento e miséria. Se o Senhor duvida, pergunte às caveiras da Ilha Grande e elas responderão: "Fome, espancamento e miséria!".**

"Quando foi com uma semana, mais ou menos, chegou um rebocador trazendo açúcar, tudo de bom. Aí, a coisa melhorou pro nosso lado".

Eu tive um sonho

"Quando foi uma noite eu tive um sonho. Uma voz dizendo no sonho: "Vocês **aminhã** num dorme mais aqui". Aí, eu contei pro português e ele num acreditou. Eu falei: "Amanhã nóis vamo ao mundo". Porque a gente chamava o lado de fora de mundo, porque a Ilha era um inferno. Muita gente andando nua, outros com aquelas tanguinhas rasgadas, uns molambos. Pois quando foi às 4 horas, quando nóis cheguemo do trabalho, o guarda chegou e gritou: **"Todos vocês vão pegá as maletas. Vocês todos tão anistiados. Cada um vai viajá pras suas terras".**



"Quando subimo no navio, foi bonito. Fizemo discurso. Ataquemo tudo bem direitinho, a favor do povo. Prá mim, tinha assim umas duzenta mil pessoa ouvindo nóis. Até que um dia eu cheguei em Natal e fumo tudo prá Detenção. Lá eu fui solto. Aí, fiquei dormindo aqui em Natal. Uma noite, eu ia descendo lá prá Ribeira quando um camarada me avisou: "Se oculte que vão lhe prender". Aí, eu me escondi numa casa lá no Grande Ponto. Fiquei um bocado de dias. Uma moça me trazia a comida, mandada por João Firmino e José Firmino. Depois eu tomei o destino de Macaíba e lá eu tomei uma **sopa** prá Acari. Aí, veio um sujeito chamado Gil, que era o prefeito de Acari e ficou só me apontando. Quando chegou em Bom Jesus eu falei prá ele: "Oi, você num brinque comigo. porque você vai **sair-se** mal". Seguimo na sopa até Currais Novos e **meu coração pedindo preu descer da sopa. Mas fui em frente. Quando cheguei em Acari, tava o Sargento Rafaé** e bem uns oito soldado. Esse desgraçado é coroné hoje. Eles cercaram a **sopa**, mas num me prenderam. Fui pro hotel de Zé **Espinho**. **Quando eu vou pegando no gargo prá** comer, chegou o sargento Rafaé, os soldados, e ele disse: "Tá preso. Vambora!". Na cadeia, o sargento falou que ia passá um rádio, essas coisas. Aí, eu falei: "Não. Me tranque, porque quando eu vim acompanhado prá chegar aqui, por um bocado de **macaco**, num foi pra servir de palhaço. Eu tô preso. Porque é o seguinte: se eu viesse com meu pelotão eu num prendia vocês. Eu **afuzilava** todos vocês". Ele, então, todo abusado, falou: "Tá bom. Trança ele". Aí, eu fui prá cela, botei minha gravata encarnada, meu **simblo**. Chegou, depois, uma moça, filha de Paulino Alberto, que era o tabelião e perguntou: "Papai mandou pergunta se o senhor já almoçou". Ela saiu e depois voltou com uma rede, dois **mil réis e mais tarde trouxe um almoço**".

"Fome, espancamento e miséria!"

"Sargento Rafaé: Eu num me esqueço dos insultos dele"

"Um dia, eu ainda tava na cadeia de Acari, chegou um cabra andando da cadeia prá casa do prefeito, que era o véio **Piano** Pereira. Prá riba e prá baixo, sempre chegando na porta de **Piano** Pereira. O cabra desapareceu. Aí eles cismaram porque, quando foi à noite, fizeram uma carta dizendo: "Piano Pereira, se despeça do mundo, registre seus filhos, que eu vou mandá fazê contigo o que fizero com Otávio Lamartine". Cum pouco mais, eu tava deitado, quando chegou uma mulher, casada com o soldado Pinheiro. Ela chegou e disse: "Tô aqui chorando. Você vai morrer hoje. Pinheiro me disse que você vai morrer hoje". Aí eu disse: "Enquanto a morte num chega deixa eu me balançá na rede". Ela falou: "Mas o senhor tem muita coragem". Já mais tarde me levaram prum quarto escuro. Passa o tempo e eu escuto aquele negócio chiando. Fui ver, era uma serra. Tinha um rapaz comigo e comecemo a serrá, mas num deu prá terminá na noite, não. Eu pronto prá morrer. Mas, acontece que Piano Pereira descobriu que a carta tinha sido feita por uma sobrinha dele. E ele pensava que era eu...". No dia seguinte me botaram dentro de uma **sopa** e **trouxero** prá Natal. Minha mãe — eu me lembro — em volta da **sopa**, chorando e eu dizendo assim: "Mamãe, não chore. Logo eu estarei aquí". E o sargento Rafaé me insultando. Eu não me esqueço dos insultos dele. Quando cheguei aqui, em Natal, dormí. Junto comigo tava Jessé Café, João Soares, que era meus companheiros. Aí, eu pedi prá falá com o Capitão Barroso. Ele mandou me buscar e eu disse: "Capitão Barroso: eu estou preso, mas sou anistiado pelo dotô Macedo Soares e tô sendo perseguido". Ele chamou o guarda e mandou me trancar e me disse: "Vô percorrer seus papéis. Se você tiver mesmo livre, você viaja de volta". Dia seguinte, o capitão me chamou: "Você está posto em liberdade. Pode fazê viagem". Aí, eu disse: "Capitão, eu fico aqui. Viajá eu num viajo. De que serve eu viajá prá ser preso de novo?" Foi quando ele abriu a gaveta, puxou um cartão e escreveu: "O senhor Antônio Soares foi posto hoje em liberdade. Qualquer coisa que houver **com ele, sem apuração, o responsável será punido".**

IDÉIAS

Bomba demográfica desativada

Os problemas de população, no Brasil, sempre despertaram interesse muito vivo. Nosso país ocupa, no mundo, o sexto lugar em população, apenas inferior à China, India, União Soviética, Estados Unidos e Indochina.

Revelou o último recensamento havido (1980) um total de 118.870.865 habitantes, desigualmente espalhados.

Segundo uns, nosso crescimento populacional é motivo de otimismo. Já outros encaram o fato com pessimismo, impressionados com a "explosão demográfica".

Muitos anos atrás, competente observador da realidade brasileira, o padre Lebret, criador do movimento "Economia e Humanismo", originado na França, mas que se irradiou bastante, criando discípulos, inclusive no Brasil, manifestou-se altamente impressionado com a situação demográfica do nosso país e do Nordeste.

Isto ocorreu nos anos 1953-1954, quando ele veio até nós, a convite do governo de Pernambuco. Deixou-nos, então, uma análise referta de sugestões, publicada no Recife pela Comissão de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco, em 1985. O trabalho intitula-se "Estudo sobre Desenvolvimento e implantação de Indústrias, interessando a Pernambuco e ao Nordeste", de leitura ainda hoje proveitosa.

No seu estudo, Lebret assinalava ser o Brasil, no mundo, o país de mais rápido crescimento populacional, por seu alto nível de natalidade. A propósito, comentava: "a situação se apresenta muito grave e as soluções se tornam extremamente urgentes", tanto mais quanto a população duplicara em trinta anos. Fazia, então, série advertência: "Se estivesse-mos em lugar dos brasileiros, tremeríamos; é um problema espantoso para os responsáveis e intelectuais, os economistas e os políticos do País".

Hoje, passados mais de trinta anos, ocorreram fatos que nos obrigam a repensar o assunto, fazendo nova análise, à vista de uma realidade que não é a mesma, embora muitas pessoas julguem nada haver mudado.

Quem sugere uma revisão quanto ao temor da "explosão demográfica" no Brasil é o especialista George Martins, consultor da Organização Internacional do Trabalho, em Brasília. É o que se colhe do seu documentado estudo publicado na revista "Ciência Hoje", da SBPC, número de março de 1989, sob o título provocante "**O Mito da Explosão Demográfica**".

Não contesta o articulista "o vigor do crescimento de população brasileira nas últims décadas, nem seu impacto — ainda duradouro — sobre a estrutura econômica e social do país". Entretanto, ele acha indispensável que sejam repassados o sentido e o conteúdo das preocupações demográficas". Isso porque, assegura sem arrodeios, "**entre nós, a "bomba demográfica" já foi desativada**".

O nível de fecundidade feminina está caindo, no país, podendo visualizar-se, em futuro não muito remoto, a estabilização populacional, esse declínio importa, declara ele, na "transformação estrutural mais importante para o país, neste fim de século".

Segundo o mesmo analista, somente a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) referente a 1976 começaram os estudiosos a verificar a existência de uma queda de fecundidade, no Brasil, muito mais rápido do que se podia imaginar. E o Recenseamento de 1980 veio confirmar esta verificação.

Em todas regiões do Brasil ocorreu uma queda generalizada na fecundidade feminina, alcançando todas as camadas sociais. Os dados da PNAB de 1984 demonstraram uma queda, entre 1980 e 1984, de 19% na taxa de fecundidade total. Por sinal, a queda mais espetacular ocorreu no Nordeste, onde a taxa de fecundidade total (TFT) caiu de 6,13 no ano de 1980 para 4,36 em 1984.

A continuar semelhante ritmo de desaceleração, o Brasil, no ano 2.000 terá cerca de 170 milhões de habitantes, em vez dos 200 a 229 milhões que anteriormente haviam sido previstos.

Otto Guerra

O álcool e a beleza

A mulher, para conservar a beza, para aparentar sempre uma idade bem inferior à real, deve zelar pela sua saúde, pelo bom funcionamento de todos os órgãos, desde a juventude.

Entre os inúmeros cuidados, encontram-se o uso constante de verduras e de frutas; vida regrada, o sono tranquilo, a atenção com a pele, livrando-a de impurezas, através da limpeza profunda à noite, a fim de retirar qualquer resquício de maquilagem; o uso reduzido do álcool, se não puder evitá-lo totalmente.

E certo que esta ultima recomendação, nos tempos atuais, com a receonceituação dos valores femininos, com a luta encetada pelas mulheres na conquista do seu espaço, é quase impossível de ser seguida.

A vida social exige da mulher moderna, da mulher elegante, da mulher de elevado nível social, o "saber beber". Onde quer que ela vá, a qualquer encontro social, a bebida está sempre presente sob a forma de champague, do coquetel, do vinho, do uisque da batida, da caipirinha, da caipirosca e de tantas outras rotulações que o álcool recebe para qualificar a sua crescente aceitação por parte da mulher. Beber, saber beber, dá "status", eleva o nome da



mulher, torna-a notada, conhecida, admirada. Até mesmo os meios de comunicação, notadamente a televisão, propagam essa nova forma de pensar da mulher, muitas vezes de modo sutil, em novelas, em programas de humor, encontrando-se sempre, por trás disso, uma indústria fabricadora de bebidas, que capitaliza os proprietários dos meios de comunicação em troca da crescente venda de seus produtos.

No entanto, de nada adiantam os leites de aveia, as limpezas de pele, as ginásticas, as massagens, as saunas e tantas outras fórmulas utilizadas pela mulher na busca de manter-se sempre jovem, em plena forma se, pela ingestão do álcool, ainda que em pequenas doses, esta vai aos poucos, contribuindo para a destruição de órgãos como estômago, intestino, fígado, coração, cérebro e pâncreas, afetando o álcool, inclusive, os órgãos genitais, tornando-a, gradativamente, frígida, muito embora esta frigidez apresente-se mascarada por uma maior excitação sexual. Isso ocorre, realmente, no início, mas o uso continuado do álcool, ainda que apenas em reuniões sociais, vai aos poucos não so se caracterizando como doença, o alcoolismo, mas excitando a mulher, como também o homem, da primeira à terceira dose, daí para a frente, inibindo, bloqueando, gradativamente, a consumação do ato sexual, pelo anestesiamento das zonas erógenas da mulher e do órgão sexual do homem, em decorrência da redução do fluxo sanguíneo nessas regiões, redução esta provocada pelo álcool que, ao atingir a corrente sanguínea, interfere na oxigenação do sangue, acarretando uma série de consequências desastrosas.

Vale a pena ressaltar que a mulher grávida, notadamente nos três primeiros meses de gestação, ao ingerir álcool, está acarretando danos incontáveis ao feto (em formação até esta data), muitos deles geradores de deformidades físicas, de deficiências irreversíveis, proporcionais à quantidade introduzida, através do cordão umbilical, pela corrente sanguínea. Danos esses que vão de problemas respiratórios, cardíacos, etc., até ao retardamento parcial ou total.

O envelhecimento precoce é mais um dos males provocados pelo álcool. Faz-se notar através da pele, que se enruga mais cedo, em decorrência da destruição da Vitamina A; da arterioesclerose prematura; do desinteresse pela vida, pela família. Há ainda o problema de descamação da pele, mais uma decorrência do abuso do álcool.

A saúde é o melhor dom que Deus nos deu. A juventude, a beleza, estão intrinsecamente ligados à saúde. O bem estar pessoal, dos filhos, da família, são fontes indispensáveis à tranquilidade, à paz, à harmonia social.

A beleza do rosto, a maciez e juventude da pele, a saúde mental terão vida longa ou reduzida, de acordo com o que escolhermos para a nossa alimentação. Somente à mulher compete o direito de escolher o, que lhe convém, o que deseja no por vir e somente à mesma será atribuída a responsabilidade de um envelhecimento antecipado, uma via crucis a consultórios de gastroenterolgistas, analistas, psicólogos, gerantólogos. Na mesma forma, somente à mulher caberá a satisfação de manter, por longo tempo, um corpo esbelto, uma pele sedosa e uma mente sadia. E claro que uma série de outros fatores incidem no envelhecimento precoce ou tardio de uma mulher, mas uma mente sadia, conquistada através de alimentação sadia, aliada a uma forma de vida regrada, equilibrada, suplantarão os inumeros revezes que a vida possa lhe trazer, fazendo com que os mesmos passem à margem, não interferindo naquilo que a mesma mais deseja preservar: a beleza, a saúde, a juventude.

Tudo isso será alcançado mais facilmente se a mulher for parcimoniosa na ingestão do álcool ou, melhor ainda, se conseguir evitá-lo, apesar de todos os apelos no sentido contrário, isto é, de o "viver social" apontar o sabor da bebida, do "status" e preferir o álcool aos refrigerantes, e do "avanço" feminino que norteou a mulher a entender que, tendo o direito de beber tanto quanto o homem.

Margarida Guerra Maranhão Bezerra
Assistente Social

A consciência ecológica

Um dos temas da modernidade é a **ecologia**. É raro um dia em que a mídia não aborde a questão. Enfim, massificou-se um assunto que antes era preocupação de um número pequeno de pessoas. É lamentável, no entanto, que essa conscientização ecológica tenha se dado à custa de vidas humanas, como a do líder sindical e ecologista Chico Mendes, e tantas outras que, apesar dos meios de comunicação não terem divulgado, a história tratará de resgatá-los um dia.

E é nesse contexto de amplo debate sobre meio-ambiente e ecologia que desponta a discussão em torno da Floresta Amazônica. Não é, contudo, uma preocupação recente. Muito antes da imprensa brasileiro e internacional colocar na ordem do dia a devastação da Amazônia, algumas vozes aqui e alí já denunciavam os crimes ecológicos que vinham ocorrendo naquela região.

Num alentado artigo escrito há quase onze anos (novembro de 1978), para a revista "Encontros com a civilização brasileira", com o preocupante título "Ainda é possível salvar a Amazônia", o escritor amazonense Márcio Souza ("Galvez, Imperador do Acre", "a resistível ascensão de Boto Tucuxi", entre outros livros), aponta as causas da devastação da Amazônia, que eu resumo em duas, por serem as demais decorrências direta ou indireta destas: "a abertura da Amazônia ao grande capital; e enfraquecimento do sistema extrativista".

Com impressionante lucidez Márcio Souza historia a colonização da região e mostra as consequências funestas que tiveram a entrada de capitais externos na região e a posterior extinção do extrativismo: "os recursos naturais estão exaurindo-se irremediavelmente, e a renda se concentra, marginalizando populações inteiras, fomentando a exploração selvagem da força de trabalho. Os índios caminham para a extinção sem remédio, a natureza está sendo depredada e os alimentos aqui produzidos são retirados do mercado interno tornando ainda mais agudos os padrões já severos de desnutrição, produzindo um povo de idiotas congênitos e débeis mentais".

Esse era o quadro onze anos atrás. Se o escritor fosse reescreve o seu artigo, certamente teria que mudar muitos dados, pois a situação mudou e muito. Só que para pior. Felizmente, graças as pressões externas, principalmente, o governo brasileiro ensaia tomar algumas medidas. A criação do programa "Nossa Natureza", que veio em decorrência dessas pressões, no entanto, tem desagrado mais do que agradado aos grupos ambientalistas.

Para o biólogo e ecologista Paulo A. Vizzi, o "Nossa Natureza" serve "unicamente para militarizar o sistema Nacional de Meio Ambiente, transferindo grande poder ao Exército e enfraquecendo o Conselho Nacional de Meio Ambiente — Conama —,. que se tem constituído em um 'berne no nariz' do governo".

Aliás, até agora todos os programas governamentais dirigidos à Amazônia tem a ideologia inspirada no militarismo. Foi assim, por exemplo, como o "Projeto Calha Norte", que teve oposição inclusive de setores da Igreja Católica.

É interessante notar nos debates que vêm se travando as mentiras, contradições, ufanismo e utopia, com que alguns setores abordam a questão. Vão da maquiagem de dados sobre as queimadas à promessa de criação de um ministério para à região.

Num suplemento especial sobre o assunto "Amazônia, verdades e mentiras", a Folha de São Paulo de 23 de março de 89, traz uma radiografia completa sobre a região. Creio que este é em termos de mídia o mais completo levantamento sobre uma Amazônia já publicado.

Efeito estufa, destruição maciça de animais, plantas e índios e os danos ambientais causados pelas hidrelétricas são algumas das consequências do desmatamento, colonização e queimadas na área. Alguns mitos são também postos por terra, como o de que a Floresta funciona como pulmão da Terra. Essa afirmativa partiu de um engano de um jornalista, que reproduziu erroneamente declarações do cientista alemão Harald Sioli. Na realidade a mata é um grande filtro de poluentes.

Outro desmentido categórico trazido pelo suplemento é quanto a Amazônia ter potencialidades de se transformar no celeiro do mundo. "A Amazônia não poderia ser o celeiro do mundo pois a maior parte do seus solos (entre 75 a 80%) não é adequada à agricultura", relata a Folha.

Basicamente há duas propostas para a região: uma do governo, militares e partidos políticos conservadores, que defendem a soberania nacional nas discusões sobre o tema e são favoráveis a uma "utilização racional das riquezas". As duas propostas são contraditórias. Grande parte do território amazonense já está loteado entre as multinacionais e esse uso racional das riquezas já está em prática há muito tempo e as consequências funestas são visíveis.

A outra proposta é dos grupos ambientalistas e de alguns partidos à esquerda, que é de propor a Conversão da dívida externa em projetos de Conservação da Natureza". Vale ressaltar que às vezes partidas de ideologias antagônicas embarcam em balelas xenófobas e retrógradas, revitalizando conceitos que fazem parte do pensamento militarista brasileiro.

É preciso ficarmos atentos e não nos deixarmos levar por chavões como "soberania nacional", que encobrem projetos oficiais nebulusos e anseios que nada tem a ver com a modernidade que queremos ver instaurada no Brasil. O jogo de cena e o embuste devem ser desmascarados sob pena de estarmos contribuindo com nossa omissão para um porvir negro para as gerações seguintes.

Tácito Costa

Cartão Amarelo



KULTURA


Heudes Régis

CUNHAÚ: GENOCÍDIO E FESTA

O Instituto Histórico e Geográfico está preparando uma grande festa para o segundo semestre deste ano. Algo como festa-síntese de uma homenagem aos acontecimentos que sucederam-se a partir de 16 de julho de 1645, nas terras de Canguaretama, no Cunhaú: o morticínio comandado por Jocó Rabi no templo local, onde se reunia naquele insólito domingo todos os fiéis e que, após, com vida, só 1 conseguiu escapar.

Consistirá na palestra do sócio-correspondente Paulo de Albuquerque Maranhão, no lançamento do livro "Engenho Cunhaú à luz de um inventário" do pesquisador/historiador Olavo de Medeiros Filho, aposição de um "retrato" a óleo de André de Albuquerque pintado por Agnaldo Muniz, numa das salas do Instituto e possivelmente a participação, ainda não definida do Padre Assis, que hoje é a pessoa responsável no Estado pelo processo de canonização dos mártires de Cunhaú.

É sem nenhuma dúvida uma forma de resgate, de reflexão e de estímulo para este episódio que agora se redimensiona, venha a ser rediscutido. Porquanto, quero lembrar que o Padre Soveral ancião de **75 anos, apunhalado no altar pelo índio Gereba, filho do cacique Janduí, como nos informa D. Nivaldo Monte em recente texto publicado na Revista do I. H. G. foi, já, no início da década de sessenta homenageado por Hélio Galvão, com a criação em Tibau do Sul do Instituto Padre Soveral, como consta em seu arquivo, a ata de fundação desta peculiar instituição.**

Por fim, é esperar pelo evento que não tem data estabelecida mas que gera desde o momento, uma singular expectativa.

SEXTA CULTURAL

A Companhia de Teatro "Pára-Choque" apresentou-se na sexta que passou no pátio externo da Secretaria de Cultura. Na próxima sexta-feira será um evento-supresa. Marque seu "ponto" comparecendo, pois é uma boa pedida. A sexta-cultural começa a partir das 11:00 hs, no fim da preguiçosa manhã. A Secretaria fica na Av. Hermes da Fonseca defronte a AABB.

INTERESSE

Iramar Araújo, arqueólogo, professor de história, Ari Rocha professor de arquitetura dois mais interessados, voluntariamente, em ajudar na cruzada em prol da Casa de Pedra do Rio Potengi. Restauração, **estabilização do que resta daquele momento-marco, eis a questão.** Sem questionamento, é o momento histórico-turístico mais importante do litoral sul.

Depois do interesse da F.J.A, da unanimidade do C.E. C., do inteligente e conciso parecer de Otto Guerra, da extrema sensibilidade do Secretário de Educação prof. Luiz Eduardo Carneiro, em agilizar o processo de tombamento, que está prestes a acontecer, o desafio da Casa de Pedra tem dia-a-dia despertado interesse em instituições e pessoas que percebem a grandiosidade do que àquela edificação representa. Que bom, vamos a luta, que diga-se de passagem, tem uns 30 anos.

TEATRO

O Grupo Picadeiro que tem no seu elenco Jobel Costa, Socorro Paiva, Luiz Medeiros, Grimário Farias e Ricardo Costa estará trabalhando firme daqui a uns 10 dias na montagem do clássico "Esperando Godot" do genial Samuel Beckett.

Com a estréia prevista para fim de agosto e começo de setembro, o seu diretor Carlos Furtado, contará ainda com a participação de Haroldo Maranhão fazendo o dispositivo cênico e Iaperi Araújo a indumentária.

Há um grande entusiasmo de que este espetáculo venha a ser um dos melhores da temporada.

CONSOLIDANDO

O arquiteto Marconi Grevi ultima o projeto de ampliação das instalações da Fundação Hélio Galvão. Além de adequar camarim, almoxarifado, sala de pesquisa, Galeria de Arte às instalações existentes, Grevi também projetou dois boxes comerciais/culturais, um auditório múltiplo e uma escultura que comporá à faixada frontal da instituição.

O projeto traz a marca futurista/cubista, marca registrada desse arrojado arquiteto.

Dácio Galvão

E Glauber ofuscou a Sinfônica...

As idéias continuam sujeitas à velha ordem natural das coisas. Algumas boas, outras más. Levar a orquestra sinfônica do Estado à área de estacionamento de um supermercado, improvisado em palco, a pretexto de homenagear as mães ("sinfonia às mães") foi, por exemplo, uma péssima idéia. Imagino o sufoco por que passou o maestro Oswaldo D'Amore e seus músicos, obrigados por contrato (ou algum outro compromisso) a tocarem em meio ao burburinho de vozes de milhares de transeuntes preocupados não com Mozart ou Carlos Gomes, mas com algo bem trivial: atender o apelo (quase diria intimação) do comércio, no sentido de adquirir um presente para a mãe. A par do barulho produzidos pelos transeuntes, acrescente-se ainda aquele gerado pelos jogos eletrônicos (**baby-sitter** da meninada), das caixas registradoras, dos carros chegando ou saindo, e se terá um quadro perfeito do que foi o "concerto às mães", (como foi solenemente denominado a programação orquestral). Resultou de tudo um desperdício de sons que se diluíam a céu aberto, e como isto perdia-se a oportunidade de apreciar obras musicais de alta qualidade, executadas por uma orquestra que começa a atingir sua maturidade. Foi uma pena...

Em contraposição a isso, o resgate do cinema brasileiro dos anos 60, que terminou domingo passado no Centro de Convenções, só merece aplauso. Por unanimidade. É evidente que se trata de uma mostra, e como tal "arbitrária" num certo sentido, ou seja, na medida em que a arte personifica o registro de determinado momento de uma sociedade. Assim, pode-se censurar o Ruy Guerra de "Os cafajestes", por exemplo, de abusar dos estereótipos, pois ao invés de nos oferecer retratos de corpo inteiro de seus personagens, se limita a reproduzir caricaturas dos mesmos. Algo bem diferente, por acaso, do trabalho de câmera de Nelson Pereira dos Santos, com o clássico "Vidas secas", de Graciliano Ramos, ou do trabalho não menos genial de Glauber Rocha nos seus **cult movies** "Deus e o diabo na terra do sol" e "Terra em transe".

Trata-se no mínimo de uma oportunidade muito rara, essa que nos oferece o festival do cinema brasileiro nos anos sessenta. Está bem caracterizado o programa: uma revolução estética. Exaurido do filão ingênuo das chanchadas que fez as delícias do público nos anos 50, o cinema nacional precisa redescobrir criticamente o Brasil, sob pena de ver-se ultrapassado e fora de sintonia com as novas tendências estéticas do público. Foi preciso realizar um autêntico "tour de force" no nosso cinema e sob a rubrica de Cinema Novo emergiram cineastas do porte de um Glauber Rocha e de um Carlos Diegues, entre outros.

É bem verdade que o Cinema Novo passou, dando lugar a outras tendências e correntes do nosso cinema, a mais evidente das quais, infelizmente, é a pornochachada. Mas como a arte costuma se aproveitar do caos para dele extrair sua matéria-prima, como Cinema Novo fez em relação à chanchada, é possível que desse novo caos cinematográfico, que é a pornochanchada brote um novo estilo de cinema em padrões estéticos elevados.

Nelson Patriota